

O Estado de S. Paulo

18/5/1984

Guariba começa a esquecer o tumulto

O fim da greve dos cortadores de cana animou a população de Guariba no final da tarde de ontem. A decisão foi tomada numa assembléia comum, no estádio municipal da cidade, sem grandes problemas e onde os bóias-frias demoraram a entender os itens da proposta aprovada. Um cortador de cana, Lindoval Queiroz Brito, ajudou a resolver o problema: com seu jeito simples, explicou a reunião "no meio dos homens" e foi direto à reivindicação principal — o pagamento pela cana cortada. "Com esse preço — disse — dá pra nós ganhar dinheiro e manter nossa família tudo em forma."

O secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto, acompanhou a assembléia e explicou aos bóias-frias que esse acordo "foi o melhor que nós pudemos fazer". Rostos curtidos pelo sol, mãos calejadas, os cortadores de cana aplaudiram quando o secretário afirmou "que foi quebrado um tabu. Abrimos um caminho, criamos um precedente para a prática da negociação livre e democrática. O trabalhador rural passa a ser reconhecido no seu valor, força e dignidade".

Enquanto corria a reunião, que decidiu pelo fim da greve, dezenas de crianças e adolescentes voltaram a paralisar o tráfego de veículos junto à rodovia José Corona, que liga Jaboticabal a Ribeirão Preto. Com pedras, estilingues e pedaços de cana nas mãos, pareciam dispostos a repetir os tumultos de quarta-feira à noite. Mas não ocorreu nenhum incidente — os motoristas, avisados, evitaram utilizar aquela saída da cidade.

Os moradores da área central preferiram ficar em casa, distantes do movimento dos bóias-frias, temerosos. E alguns comerciantes, como o proprietário do Restaurante Gaúcho, fecharam as portas de seus estabelecimentos logo no início da tarde, prevendo confusão e distúrbios no momento da assembléia. Nada disso aconteceu e o capitão Rui Lazarini, de Araraquara, errou ao avaliar a situação logo cedo como de "tranquilidade aparente". O dia foi de tranquilidade, mas verdadeira. E surpreendeu.

Surpreendeu Cláudio Amorim, dono do supermercado saqueado na terça-feira, que de manhã proclamava: "Guariba está em pânico", enquanto tratava de colocar novas portas em seu supermercado e atender à população, protegido por policiais. Foi um indignado Amorim quem relembrou os acontecimentos de quarta-feira: bóias-frias enfrentaram policiais no trevo de acesso à cidade, apedrejando viaturas, ferindo um PM com tijolada no pescoço, incendiando quase quatro alqueires de cana. "Um horror", resumiu.

E foi um desolado amigo dos bóias-frias, o transportador de cortadores de cana Jair Braga quem relembrou, na assembléia realizada de manhã, o que aconteceu com a sua "criação" durante a madrugada. "Levaram dois porcos e seis galinhas lá de casa", queixou-se. "Não vamos fazer isso, gente, o pessoal levou tudo e ainda deixou um porco ferido, cortado com podão. A criação não tem culpa. O porco está lá, sofrendo, enquanto os patrões estão numa boa".

No Jardim Monte Alegre e Bairro Alto, onde moram cerca de 2 mil cortadores de cana, os bóias-frias confirmaram o conflito com os PMs. Pelas ruas de terra dos bairros, o assunto era só esse, comentado até com alegria. "Teve muita pedra mesmo. A molecada na frente e os homens acompanhando", explicavam. E, quando os policiais recuaram, muitos raspam o podão no asfalto, tirando faísca. "Aqui é uma guerra da pobreza", disse uma mulher de idade indefinida, seis filhos, marido doente e pouca comida.

Sem saber como corria a reunião entre sindicalistas e usineiros em Jaboticabal, que definiria o acordo a ser apresentado aos bóias-frias, no estádio, homens, mulheres e crianças ameaçavam: "Se eles não derem o que queremos, o tempo vai esquentar". Um sugeriu "atacar onde tiver gado". Outro foi mais direto: "Onde tiver comida; vamos entrar e comer". Alguns baianos, grande parte dos moradores desses bairros é flutuante, formada de gente que eleva a população da cidade em até 15 mil pessoas de maio a dezembro.

Quase um domingo

Guariba viveu ontem um dia calmo, semelhante aos domingos e feriados, quando os cortadores de cana trocam os bairros pobres da periferia pelos bancos da praça central. O policiamento ostensivo da véspera limitou-se a garantir o funcionamento das agências bancárias e dos poucos estabelecimentos comerciais que se arriscaram a trabalhar. As sete escolas da cidade dispensaram seus cinco mil alunos e os postos de gasolina permaneceram fechados.

Quase um domingo, não fosse o prédio azul da Sabesp, totalmente destruído pela violência de terça-feira. Quase um domingo, não fosse o estádio municipal aberto desde cedo, não para uma partida de futebol, mas para uma assembléia de bóias-frias. Quase um domingo não fossem as dezenas de jornalistas que circulavam pela cidade provocando estranheza à gente pouco acostumada às luzes e fios das emissoras de televisão.

(Página 10)